

RITO DA COLAÇÃO DE GRAU

Prof. Dr. Hudson Hubner França

Colar grau significa conferir a alguém um título acadêmico.

A palavra grau vem do latim - "gradus" - e quer dizer degrau; no contexto universitário, mostra um degrau na escada do conhecimento. As universidades nasceram na Idade Média, particularmente no século XIII. O grau, nessa época, era a licença para lecionar, conferido a quem terminasse os estudos básicos.

Na Medicina, os graus principais são 3: grau de médico, para quem termina o curso da graduação; de mestre e doutor, para quem completa a pós-graduação e faz dissertação de mestrado e tese de doutoramento. A livre docência é uma criação mais nova, da Universidade alemã.

■ Procissão Acadêmica

- Na Idade Média, época em que foram criadas as Universidades, as procissões eram acontecimentos comuns nos centros urbanos. Frequentes, tinham papel proeminente nas ocasiões festivas ou expiatórias.

As procissões aconteciam nos dias destinados às grandes celebrações: um feito de guerra, o louvor ao santo padroeiro, como prece coletiva para se evitar a peste ou outras calamidades; como homenagem a um grande dignitário.

O povo, os governantes, as figuras importantes, desfilavam pelas ruas da cidade, ordenadamente, em alas. Era a ocasião em que as pessoas ilustres se mostravam à população com suas roupas mais vistosas e, nesse cortejo, eram levadas e mostradas ao povo as insígnias e relíquias, em meio a bandeiras e estandartes que se relacionavam com a comemoração.

A colação de grau é um momento importante na vida acadêmica. Por isso, nada mais justo que se inicie e termine a sua cerimônia com uma procissão, reproduzindo, assim, uma tradição de 700 anos.

■ Vestuário

- Na Idade Média, as universidades estavam intimamente ligadas à Igreja. De um modo ou outro, seus professores, alunos e funcionários tinham relação com a Igreja e, em geral, usavam o vestuário próprio dos clérigos.

Beca - a beca, usada nas colações de grau, é uma reprodução da roupa clerical daquela época: túnica longa, preta-hábito talar - usada, comumente, nas universidades medievais.

Capelo - O capelo é uma capa curta, jogada sobre o hábito talar, para proteger os ombros e parte superior das costas; tinha um capuz para a proteção da nuca e da cabeça.

■ Juramentos

- Os formandos fazem, coletivamente, 3 juramentos. O clássico, é o de Hipócrates, que data de 460 a.C. e que, dotado de grande beleza humana e literária, expõe os princípios básicos da ética e do comportamento médicos.

Em 1948, a Assembleia Geral da Associação Médica Mundial, que passou a ser conhecido como Declaração de Genebra e que, atualmente, é lida, também, nas formaturas. A FUC-SP, mais recentemente, criou um

modelo próprio.

As 2 últimas formas são variações do juramento de Hipócrates; com o mesmo conteúdo não têm, contudo, a beleza poética do juramento clássico.

■ Insígnias e Simbolismo da Colação de Grau

- Além do juramento coletivo, cada formando, individualmente, presta juramento frente ao Diretor da Faculdade.

Com a mão direita sobre a Bíblia,

promete exercer a profissão de acordo com os padrões éticos e científicos exigidos. O Diretor da Faculdade coloca sobre sua cabeça o barrete doutoral - a borla - e confere-lhe o grau de médico.

A Bíblia, o livro sagrado das sociedades de civilização cristã, é usada em nosso meio, como depositária desse juramento.

Além disso, a Bíblia, como livro, tem outro significado nesta solenidade. O livro fechado simboliza a ciência, o conhecimento, que o médico

deve ter guardado na mente; o livro aberto mostra a disponibilidade do médico para ensinar, para aconselhar a todos aqueles que dele se acercarem.

Borla - a borla é um barrete do qual pendem fios ou cordões de seda, lã, ouro ou prata. Ecolocado na cabeça do doutorando enquanto ele pronuncia seu juramento e recebe o grau de médico. A borla é o símbolo da dignidade, da distinção, do distinguimento.

Anel - Simboliza o compromisso do homem com sua profissão, é o small da fidelidade ao juramento proferido

de uma ligação profunda e permanente que torna inseparável a pessoa da profissão que escolheu.

Esmeralda - O verde é a cor distintiva da medicina. A esmeralda é a pedra símbolo da profissão.

Nos tempos medievais, a esmeralda era vista como tendo poderes benéficos de cura, de clarividência, de fertilidade e imortalidade.

A esmeralda é uma expressão da renovação periódica de natureza; é símbolo da primavera, da evolução e da vida.

■ Doutor

- Os médicos, em geral, mesmo não tendo o grau de doutor, são tratados como tal. O mesmo tratamento é concedido aos advogados, magistrados e teólogos.

Isso tem uma explicação, uma motivação histórica.

A palavra "doutor" significa "aquele que ensina" - Provém do verbo latino "docere", que quer dizer ensinar (a mesma raiz de docente).

O médico é tratado por doutor porque sua função primeira, principal, não é curar doenças mas, sim, ensinar como evitá-las; seu papel mais importante é ensinar hábitos higiênicos e comportamento saudável com a finalidade de preservar a saúde.

Na China antiga, dizem, o médico recebia seus honorários da comunidade não por consulta ou tratamento isolado; periodicamente, o cidadão pagava ao doutor uma quantia estipulada. No entanto, se algum membro da comunidade adoecesse, este membro deixava de pagar e ficava isento do pagamento enquanto estivesse doente, recebendo, gratuitamente, os cuidados do médico de sua comunidade.

Isto porque, se o cidadão adoecera, é porque o médico fora negligente nos cuidados para conservar a sua saúde.

Por isso, era responsável pela sua doença e devia tratá-lo sem nada receber.

Nosso agradecimento aos Professores Rui Afonso da Costa Nunes - Professor de Filosofia da USP -, Aldo Vanucci - Professor de Filosofia e Diretor das Faculdades Integradas D. Aguirre - e Adilson Cezar - Professor de História e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - pela contribuição inestimável a este texto.

Prof. Dr. Hudson Hubner França - Diretor Geral do Centro de Ciências Médicas e Biológicas de Sorocaba - PUC/SP



Acidente com Castro Alves

O poeta Castro Alves nasceu na Fazenda Cabaceiras em Muritiba, na Bahia. É considerado o grande bardo nacional, pela sua afinidade com as causas populares e pelas numerosas reedições de sua obra poética. Educado em Salvador, aos treze anos já recitava suas poesias. Em 1862, dirige-se ao Recife para frequentar a Faculdade de Direito da capital pernambucana, conseguindo-o somente em 1864. Manifestaram-se desde então os primeiros sintomas da tuberculose que o levaria ao túmulo. O curioso é que seu pai, Dr. Antônio José Alves, que foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia, proibiu aos filhos que viessem a tornar-se poetas, pois acabavam vítimas da bacilose. Descumpriu a ordem paterna, mas o vaticínio de seu genitor fora correto.

Sua vida acadêmica e literária foi intensa, elaborando poemas de sabor lírico, ora de natureza social a favor do abolicionismo, ora de acentuado sentido poético. Seu entusiasmo levou-o ao teatro, tomando-se de amores por atriz famosa na época, de nome Eugênia Câmara, formulando versos sobre a Guerra do Paraguai e a Abolição. Interrompendo o curso, acompanhou sua amada ao Rio de Janeiro, já detentor de vasta obra poética. Foi recebido por José de Alencar, que o encaminhou a Machado de Assis, dois elementos de sensível destaque na literatura, quando Machado de Assis o consagrou.

Na capital da Corte, alcançou grande êxito com a declamação de seus poemas. Transferiu-se em seguida para São Paulo, onde requereu matrícula no 3º ano

da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Ali já o esperava novo sucesso. A saúde, porém, piorara. Foram seus colegas, na afamada Faculdade, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Tobias Barreto, o poeta Fagundes Varela, Rodrigues Alves, Américo Brasiliense, Afonso Pena e outros. Elegera, como seu poeta favorito, Victor Hugo.

Na data da Independência do Brasil, a 7 de setembro de 1868, realizou-se sessão inaugural do Ginásio Literário, à rua Dr. Falcão nº 4, Palácio da Província. Castro Alves encontrava-se em seu apogeu. Todos o tinham na conta de "poeta maior". A 17 de novembro, um sábado, o jornal Correio Paulistano noticiava que Castro Alves fora vitimado por um acidente lamentável. Saíra para caçar passarinhos à tarde, nos arredores de São Paulo. Ao transpor uma vala, involuntariamente, a espingarda disparou, atingindo-lhe o pé esquerdo e causando ferimento grave e extenso.

O secretário de Polícia, O. Giffening Niemeur, procedeu a averiguações, porquanto surgiram dúvidas e indagações a respeito. Para tranquilizar a família na Bahia, Castro Alves escreveu-lhes relatando que o incidente fora absolutamente casual. Suspeitou-se de que os fazendeiros contrataram um jagunço para alvejar o poeta traiçoeiramente, ao anoitecer. As pernas foram o alvo escolhido, somente para assustá-lo e aos seus admiradores, sem a intenção de matá-lo. A caçada, fora de sua invenção. Disso não entendia, e, muito menos, do manejo de espingardas! Suas preferências eram muito diversas: idéias

CASTRO ALVES E O ESPIRITISMO



Altamirando Carneiro
Edições FEESP
FEDERAÇÃO ESTADISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO

nobres e poemas de caráter social e libertário. Ao fim, nada apurado em definitivo, o assunto caiu em esquecimento.

Na realidade, o evento não decorreria de uma caçada, como fora divulgado. Foi, na verdade, um atentado! Em seguida à tarde literária, Castro Alves, carregado nos braços por seus colegas, dirigiu-se para de frente da Faculdade de Direito, onde realizaram um comício, ocasião em que outros poetas declamaram,

como Fagundes Varela e outros. Então fora combinada uma tocaia para ferir Castro Alves, quando voltava altas horas da noite da boêmia comemorativa. O ataque tinha por fim dar uma lição tanto ao poeta como aos seus companheiros abolicionistas.

Um seu parente distante, Antônio Veloso Guimarães, declarou: toda sua família sabia que ele nunca usou espingardas em sua vida, e que não era dado a caçadas! Ele sempre fora um defen-

sor da vida, portanto não iria caçar passarinhos. Fora empregado chumbo grosso, adequado para abater uma anta, não uma ave de pequeno porte, que ficaria esfacelada. Castro Alves foi atingido no calcanhar esquerdo, de onde o cirugião retirou 38 grãos de chumbo grosso. Gravemente ferido e com gangrena incipiente, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde operou-o o distinguido médico Dr. Andrade Pertence, que gozava de enorme prestígio. A anestesia local surgiu só por volta de 1884. Em se tratando de um tuberculoso e para não agravar seu estado, o ato cirúrgico se realizou a frio, sendo-lhe prejudicial a inalação do éter sulfúrico.

Desde então, como por encanto, cessou a lira abolicionista de Castro Alves. Compôs outras poesias de gêneros diversos, sem alusão aos escravos, de quem fora o protetor. A 1º de janeiro de 1870 ele regressou à Bahia, "doente e mutilado". À procura de clima ameno, tomou o rumo do arraial de Curralinho, onde passara parte da infância. Lá encontrou a companhia de outros tempos, Leonídia Fraga, que o cercou de cuidados. Com Eugênia Câmara, tivera relações íntimas. Comesta moça do sertão e companheira de meninice, ligava-os o amor platonico, e a ela dedicou o poema "Fé, Esperança e Caridade", em 1865, na juventude. A 29 de junho de 1871 o poeta sente-se mal: pede que o coloquem junto à janela e declara seu desejo de ver o "infinito azul, antes de morrer". No dia 6 de julho de 1871, às 3:30h da tarde, Castro Alves expira. Conta-se, então, 24 anos de idade...

Walter Pinheiro Guerra é médico e historiador.

Em memória do Prof. Zerbini

Oração fúnebre pronunciada a 23 de outubro de 1993, no Teatro da Faculdade de Medicina da USP, às 16h30, por ocasião do enterro do professor Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993)

Profundamente comovido, falo neste instante de tristes emoções, em nome de vossos amigos, de vossos colegas da Douta Congregação da Faculdade de Medicina, bem como dos Professores eméritos desta Casa e de todos os vossos conterrâneos, quando deixais de conosco conviver, para passar ao grande e insondável mistério da eternidade.

A Medicina nos afiniza por um sentimento comum e nos põe em contato com o precário e o fugitivo de todas as coisas e com a realidade tangível da morte.

Nós, pobres doutores que somos, só prolongamos vidas que existem, mas não evitamos a morte, sempre imbatível, incombatível e triunfante. É inútil pensar o contrário. "É lei do mundo. Não há planta viçosa que esta geada não creste. Flor delicada que este sol não murche. Árvore robusta que este furacão não derrube. Rochedo duro que este raio não lasque".

Ainda hoje, pela manhã, já hibernado, fui visitar o Prof. Zerbini no INCOR. Beije-lhe a fronte, em sinal de profundo respeito, admiração e apreço a um grande brasileiro que se despedia da vida, honra e glória de nossa medicina.

Guaratinguetá, a doce terra onde nasceste a 7 de maio de 1912, a formosa cidade das garças brancas, a terra "de seu bem querer", cobre-se de luto fechado pela morte de um de seus filhos mais ilustres e queridos. Os sinos da Matriz de Santo Antônio anunciam, como no passado, em tristes badaladas a comovente notícia. Também, as águas do velho e lendário Paraíba estão a correr mais lentamente, em sinal de pesar.

Os vossos conterrâneos mais eminentes estão aqui todos presentes. Estão todos vivos, coroados na grande luz imortal. Vieram em caravana, para embalar vossa alma ao reino do Senhor, enquanto vosso corpo desce à generosa terra paulistana, para nela ser carinhosamente guardado. Aqui estão Rodrigues Alves, o Conselheiro da República que, em 1912, implantou esta Casa de Ensino. Presidente da Nação por duas vezes, enterrado com honras de Estado, a 17/01/1919, às 8 horas, no Cemitério dos Passos, vítima de leucemia, diagnosticada pelo Prof. Leitão da Cunha; com ele vieram o Santo Frei Antonio de Santana Galvão, do Mosteiro da Luz; o famoso

educador Lamartine Delamare Nogueira da Gama, em cujo ginásio iniciastes vosso curso secundário; Benedito Meirelles, o grande médico de família, o protetor dos pobres; o venerando Monsenhor João Filippo; Homero Ottoni, que assistiu vossa santamãe, quando viestes ao mundo; Francisco de Assis Barbosa, da Academia Brasileira de Letras, biógrafo de Juscelino Kubitschek de Oliveira e de Lima Barreto; os famosos concertistas Bonfiglio de Oliveira e Dilermando Reis; os irmãos Paulo e Francisco Lacaz, mestres do saber e da bondade; e, finalmente, os vossos velhos Professores da Escola Normal e do Ginásio Lamartine Nogueira da Gama, Rogério da Silva Lacaz, André Rodrigues de Alckmin, Belmiro Dinamarco, Júlio Costa, Clímério Galvão Cesar, Jerônimo de Aquino, Zulmiro de Campos, Marques Guimarães, Paca de Azevedo e a figura inolvidável de vosso pai Eugênio Hugo Zerbini, lente de Geografia e História, todos eles homens de elevada grandeza moral. Vieram para carregar-vos, com honras e glórias, à vossa morada definitiva.

Quando dona Ernestina, vossa saudosa mãe, batizou-o fez questão de colocar em vosso nome, a expressão JESUS Euryclides de Jesus Zerbini. E, como Cristo Jesus, sofrestes muitos os últimos momentos de vossa portentosa, fecunda e esplendorosa existência, sem uma palavra de revolta ou de contestação. Dores surdas e mudas. Havia chegado a sua hora, como várias vezes me dissera. A 11 do corrente, pela manhã, agradeceu-me, com um aperto de mão, a visita que lhe fazia no INCOR, e o grande mestre me afirmou: "Lacaz, quero ir-me embora". Na ante-sala, sua



dedicada secretária, Sra. Márcia Corradini, lamentava o estado de saúde de seu grande chefe.

Pela vossa bondade, pela esperança, pelo amor, pela pertinácia, pelo trabalho, levastes a grande cruz sem sentir-lhe o peso, qual Simão, o Cirineu, um protagonista estupendo do drama de Gólgota.

Como Jesus, viestes ao mundo somente para a prática do bem. Outra coisa não fizestes senão trabalhar diuturnamente pelos vossos semelhantes, semeando sempre, salvando crianças e velhos, em uma luta incansável, formando centenas de discípulos, animando vocações, acelerando carreiras, oferecendo a todos oportunidade de afirmações individuais.

Que belo exemplo nos deixastes! Desaparece, indiscutivelmente, a maior expressão da medicina brasileira contemporânea, criador, como Luiz Venere Décourt, deste fabuloso INCOR, Centro de Cardiologia de renome internacional.

"Vivo não vi quem fosse tão querido. Morto não vi quem fosse tão chorado." É a Nação inteira que se comove frente a um fato consumado, com a realidade tangível da morte de um grande

brasileiro. Posso afirmar, neste instante de profunda mágoa nacional, parafraseando Gambetta, que a luz ora extinta jamais será substituída. ZERBINI foi, indiscutivelmente, uma figura extraordinária. Vossas mãos não estão vazias, ao final de uma longa jornada, exercida em qualquer deslize. Deixastes algo atrás, meu dileto e querido amigo.

A terra, mãe das árvores e das flores, vai agora receber o vosso corpo. Mas vosso cérebro não será cinzas. Será luz. Elas ficarão junto a vossos pais, os dois imigrantes italianos que tanto fizeram pelo nosso

povo. Vindos da doce Itália, lá onde "la vita é tutta bella", a Itália única, imortal e perpétua, que vive no coração de todos os brasileiros e em cuja capital se ajoelham todos os peregrinos da fé e da beleza, este casal singular criou nobre família, na sua simplicidade e em sua grandeza moral. Eles, também, estão aqui presentes, com o filho querido, pois são os mortos que governam os vivos, por este fato surpreendente da morte poder gerar alguma coisa viva, pelo exemplo, pelo esforço e pelo sacrifício. Somente a lembrança dos que já partiram permite que se compreenda o mistério da morte e o próprio sentido da vida. O corpo nada vale, somente o espírito vivifica. Deixou a vida para entrar na posteridade. A benevolência de sua fabulosa obra jamais será esquecida. Face à doença e ao sofrimento, opôs o estoicismo e o ânimo inquebrantável dos fortes.

Hoje, meu caro Zerbini, o destino aqui também nos reúne. Voltando o olhar para trás, lá vislumbro os marcos mais afastados que deram origem ao grande caminho que percorrestes, numa eloquente afirmação de civismo e de brasilidade. Fala, agora, a

voz das antigas afeições, para uma palavra de despedida. Cumpristes, como poucos, a réplica de um ideal que floriu na juventude.

Vois sois daqueles que continuareis a viver depois da morte. Vossa biografia deveria ser distribuída a todos os colégios do País, para que os moços conheçam a vida exemplar de um brasileiro que alcançou, com méritos inexcusáveis, o píncaro de uma longa cadeia de montanhas. Vivestes uma bela vida, como um rio caudaloso que rola suas águas para o mar infinito. Assim se escreve a história de uma nação, com a biografia de seus grandes homens. A Vós se aplicam as palavras de Miguel Couto diante do fabuloso trabalho desenvolvido por Pasteur: as maiores façanhas dos conquistadores não valem uma página da grande e fecunda obra deixada por Euryclides de Jesus Zerbini.

A Faculdade de Medicina, por onde vos diplomastes, em 1935, perde um pedaço de si mesma ao despedir-se de seu filho ilustre. Nas lições de vossa vigorosa personalidade, pode-se ver um *exegi monumentum* laboriosamente edificado e que haverá de perdurar.

Paradigma de êxitos legítimos, o grande cirurgião de que hoje pranteamos sua morte foi honra e glória da medicina brasileira, estremeceu a pátria, viveu no trabalho e não perdeu jamais seu grande ideal - o ideal de servir, o ideal de ser útil a seus semelhantes. Ele bem mereceu da Pátria.

"Il a merité de la Patrie", diziam os franceses ao reverenciar a memória de um grande líder. O amigo, o mestre insigne, o cidadão exemplar que hoje perdemos, foi, na realidade, um dos melhores e mais belos padrões da raça brasileira.

E, agora, senhores e senhoras, mestres e discípulos, seja muda a expressão. Fale apenas a voz da saudade e do silêncio. O mais, tudo mais, está no coração e eu não sei dizer. Adeus, meu nobre e querido amigo, colega e conterrâneo. SENHOR: recebei vosso filho e servo ilustre, Euryclides de Jesus Zerbini, em sua santa glória, dando-lhe o RESPLENDOR da luz perpétua. Assim seja.

Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz - Em nome da Congregação da Faculdade de Medicina, por delegação do Prof. Adib Jatene.

PASCHOAL VINO CUR, UM MÉDICO SIMPLES

Esta é a história de um médico simples, que não pertenceu a academias nem galgou cátedras. Permaneceu clinicando até os 80 anos, orgulhoso de não faltar jamais a um dia de trabalho. Atuou com sabedoria mas sem grandes ambições, mantendo o espírito aberto a uma Medicina que se sofisticava. Assim era Paschoal Vinocur, falecido a 1º de novembro de 93, aos 83 anos.

Sua história de vida permite um olhar sobre alguns períodos da Medicina brasileira. Formando-se em 1935 pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, foi colega de turma de personalidades como Silveira Sampaio, Arão Benchimol, dom Lourenço de Almeida Prado, Reitor do Colégio de São Bento do Rio, e conheceu uma época de grandes mestres, tornando-se um dos assistentes de Clínica Médica, chefiada pelo Prof. Rocha Vaz.

Período de forte agitação política, como tantas que o país tem percorrido, o fim da década de 30 foi extremamente conturbado, inclusive no plano internacional, com a Segunda Guerra. Paschoal Vinocur deixou o serviço universitário quando alguns colegas passaram a frequentá-lo usando a camisa verde do integralismo.

Ainda no Rio tomou contato com as temporadas líricas, cultuando artistas como Gigli, Caruso e Schippa. Desde jovem começou a estudar canto, empenhado na empostação ideal para a sua voz de tenor, adquirindo partituras representativas dessa época. Manteve por toda a vida a paixão por ópera e canção italiana.

Essa curiosidade intelectual e artística levou-o a novas observações na prática médica e é inegável uma "modernidade" na sua postura cotidiana, que proporcionou um intercâmbio com colegas mais jovens. Sempre tentou substituir medicamentos com a mesma composição, quando em benefício do doente (um debate tão atual) e cultivou uma vida frugal, com alimentação naturista e exercícios de caminhada, muito antes de serem práticas consagradas. Caridoso e humanitário sem alarde, tentava de todas as formas minorar as aflições dos menos favorecidos, integrando-se à Medicina Social.

Se atualmente a Medicina Previdenciária recebe tantas críticas, quando Paschoal Vinocur, já em São Paulo, prestou concurso para o antigo IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), no início da década de 40, o exercí-



cio profissional contava com mais dignidade. Havia toda uma geração de médicos da melhor formação científica e cultural: Pedro Badra, Clovis Chenuad Bandeira de Mello, José Bahia Diniz, Pedro Fava (tio de Flávio F. de Moraes, Reitor da USP), entre tantos outros.

Quando Paschoal Vinocur exerceu, por muitos anos, cargos de chefia, teve o privilégio de conviver com médicos das mais diversas especialidades e gerações, como Oscar Resende de Lima e Jessie Gomes dos Reis. Foi também um pioneiro no campo da Perícia Médica, convidado para sócio fundador da Associação dos Médicos Peritos da Previdência Social do Estado de São Paulo, em setembro de 93, na Associação Paulista de Medicina.

A vice-presidente dessa Associação, a médica Ema Ely Salomão Bonetti, é também chefe da Seção de Perícias Médicas da Superintendência Estadual do INSS de São Paulo. Ela se considera uma discípula de Paschoal Vinocur, de quem teve o exemplo de "chefe bondoso e humilde, participativo e digno".

Apreendeu com Paschoal Vinocur "a tratar o segurado com dignidade e a ser justo e leal para com a instituição e o beneficiário, a orientar quanto à atuação e o desempenho na avaliação da capacidade e/ou incapacidade, o que é mais arte do que ciência".

Léa Vinocur Freitag, jornalista e socióloga, é professora titular pela USP.

Vida Cultural

Duflio Crispim Farina acaba de lançar mais um livro: *Presença de França na Terra Brasília*. A obra trata das embarcações de França que estadearam nas águas brasileiras, transportando pessoas que doravante farão parte da história de nossa terra. O autor, escritor clássico, médico, glória viva da medicina nacional, certamente trouxe à luz brilhante livro por força de seus atavismos franceses, napoleônicos, do general Farina, caído em Waterloo, dos Fabian e Jacolliot, cujo sangue em suas veias pulsam.

• ⊕ •

Poetas do Brasil inteiro se inscreveram para o concurso de poesia em homenagem aos 50 anos de Caetano Veloso. Como resultado publicaram-se livros com os trabalhos premiados, sob o título "Poemas fora de Ordem". Caetano Veloso também está presente com uma poesia, em cujos versos homenageia um médico, escritor, poeta, Carlos Alberto Pessoa Rosa, na seguinte passagem: Gosto de sentir a minha língua roçar / A língua de Luís de Camões / Gosto de ser e de estar / E quero me dedicar / A criar confusões de prosódia / E uma profusão de paródias / Que encurtam dores / E furtem cores como camaleões / Gosto do Pessoa na pessoa / Da rosa no Rosa / Assim como o amor para a amizade.

• ⊕ •

A Editora IMAGO lançará, em breve, a Coleção Bereshit, publicando, em português, a obra intitulada "A Técnica do Livro segundo São Jerônimo", originalmente publicada em francês, em 1953, por D. Paulo Evaristo Arns, que é a sua tese de doutoramento em filosofia e telologia na Sorbonne. Atribui-se a São Jerônimo a tradução integral da Bíblia para o latim, a Vulgata, entre os anos de 341 a 420. Amante das belas letras, nutrido desde cedo pelo cristianismo, é um dos santos doutores da Igreja, de grande importância na cultura ocidental.

• ⊕ •

A Academia Lusíadas de Ciências, Letras e Artes publicou o número 2 de sua revista, "Voz Lusíada", constando as homenagens e comemorações paulistas por ocasião dos 450 anos da chegada dos portugueses ao Japão. Ainda há várias poesias, destacando-se, entre elas Mariazinha Congílio, escritora, jornalista e poeta.